



Tesis Psicológica

ISSN: 1909-8391

tesispsicologica@libertadores.edu.co

Fundación Universitaria Los Libertadores
Colombia

Pradoda Fonseca, Luiz Eduardo; Rocha Silvada Rosa, Hugo Leonardo; Leal Ferreira,
Arthur Arruda

Yes, nosotros tenemos a Wundt: Radecki y la historia de la psicología en Brasil

Tesis Psicológica, vol. 11, núm. 1, enero-junio, 2016, pp. 36-53

Fundación Universitaria Los Libertadores
Bogotá, Colombia

Available in: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=139050020004>

- How to cite
- Complete issue
- More information about this article
- Journal's homepage in redalyc.org

redalyc.org

Scientific Information System

Network of Scientific Journals from Latin America, the Caribbean, Spain and Portugal

Non-profit academic project, developed under the open access initiative

Yes, we have Wundt: Radecki and the history of psychology in Brazil

Pp. 18 - 35

Luiz Eduardo Prado da Fonseca
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa
Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca*
Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa**
Arthur Arruda Leal Ferreira***

enero - junio / 16

tesis psicológica Vol. 11 - Nº 1

18

ISSN 1909-8391

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, das Técnicas e Epistemologia (HCTE-UFRJ). Correspondencia: fonseca.luiiz8@gmail.com

** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (HCTE/UFRJ). Correspondencia: darosahugo@gmail.com

*** Profesor asociado de la Universidad Federal de Rio de Janeiro. PhD en Psicología Clínica Universidad de Sao Pablo. Correspondencia: arleal1984@gmail.com

Yes, nós temos Wundt: Radecki e a história da psicologia no Brasil

Cómo citar este artículo: Prado da Fonseca, L.E., Rocha, H.L., & Arruda, A. . (2016). Yes, nós temos Wundt: Radecki e a história da psicologia no Brasil. *Revista Tesis Psicológica*, 11(1), 18-35.

Recibido: diciembre 24 de 2015

Revisado: enero 23 de 2016

Aprobado: abril 10 de 2016

ABSTRACT

This article aims to establish a discussion about the production of pioneers in the field of history of psychology. For this historiographical discussion we use as example a character from history of psychology in Brazil: The Polish psychologist Wacław Radecki (1887-1953). After a long time briefly being referred to in any Brazilian texts of history of psychology, Radecki was invented in the 1980's as a pioneer of psychological science in Brazil. After this historic operation since from the 1980's, Radecki had his historical position and function changed to a more crucial one and even the modes of discourse changed to a more regular and positive reference towards him. We analyze the case of Radecki through the example of Wilhelm Wundt, considered by classical historiography as the "father" of experimental psychology. Here we propose that Radecki has suffered a similar process, occupying a prominent place in Brazilian psychology. We finish questioning this historiography that produces and paves stories with their respective heroes and pioneers, and that tells a historical path towards a supposed autonomy and scientific progress of psychology, noting the possibility of building other stories that escape from this epic narrative.

Keywords: Historical operation, pioneer, Wacław Radecki.

RESUMO

Este artigo pretende estabelecer uma discussão acerca da produção de pioneiros nas narrativas em história da psicologia. Essa discussão historiográfica tem como fio condutor um personagem na história da psicologia no Brasil: o psicólogo polonês Wacław Radecki (1887-1953). Por algumas décadas Radecki foi brevemente mencionado nos textos de história da psicologia, mas a partir da década de 1980 foi constituído como um pioneiro da ciência psicológica no Brasil. Desde essa operação histórica, os discursos sobre Radecki passaram a atribuir a este personagem um papel de relevo na história da psicologia. Analisamos o caso de Radecki por meio de outro personagem, Wilhelm Wundt, considerado pela historiografia clássica como "pai" da psicologia experimental. Neste caso, propomos que Radecki tenha sofrido um processo semelhante, na medida em que as narrativas o consideram um pioneiro da psicologia no Brasil. A discussão do texto finaliza problematizando uma historiografia que produz e pavimenta as suas narrativas com os seus respectivos heróis e pioneiros, e que narra um percurso histórico da psicologia em direção a uma suposta autonomia e progresso científico, atentando para a possibilidade de se construir outras histórias que fujam desta narrativa épica.

Palabras clave: Operação histórica, pioneiro, Wacław Radecki.

Introdução

Este trabalho apresenta um esforço de reflexão sobre modos específicos de produção de personagens e marcos históricos nas narrativas em história da psicologia. De modo mais preciso consideraremos os esforços na constituição de um personagem histórico tomado como um dos pioneiros na produção de uma psicologia experimental brasileira. O personagem em questão é Wacław Radecki (1887-1953), nascido na cidade de Varsóvia e que imigrou para o Brasil nos anos 1920. Aqui desenvolveu pesquisas no campo da psicologia experimental, coordenando um laboratório no Rio de Janeiro, posteriormente transformado em *Instituto de Psicologia*. Após o fechamento deste laboratório e instituto, Radecki migra para o Uruguai e Argentina, articulando a criação de dois outros institutos de psicologia. Por fatos como estes, autores como Penna (1992) creditaram importância à Radecki como personagem fundador da psicologia experimental no Brasil, centrando-se nos seus esforços para montagem de um laboratório, porém sem muito detalhe sobre o sentido geral de seu projeto. Isto nos remete a outras narrativas, onde historiadores como Boring (1950/1929) creditam a Wilhelm Wundt o lugar de fundador da psicologia experimental ao criar um laboratório e um instituto, sem deter-se sobre detalhes do projeto wundtiano. Tomado o conceito de Certeau (1988) é esta operação histórica¹ que

desejamos trabalhar neste artigo: a produção de pioneiros por meio do ato heróico de fundação de um laboratório (sem detalhamento do projeto específico de psicologia), operação que produz ao mesmo tempo um nobre precursor e um nobre presente científico ao saber psicológico, pois herdeiro deste gesto heroico inicial.

Pautados na comparação entre as operações históricas em torno de Wundt e Radecki, parodiaremos o instigante título do trabalho de Cukierman (2003): *Yes, nós temos Pasteur*, como mote para análise de algumas operações históricas no campo da história da psicologia. Neste caso, o supracitado autor tomou o exemplo de Oswaldo Cruz e analisou, através dele, a fundação de uma ciência higienista brasileira, onde este era, por diversas vezes, tomado como uma versão brasileira de Louis Pasteur², personagem ícone no tocante ao sucesso científico. Ainda que não encontremos uma comparação direta entre Wundt e Radecki (como a feita explicitamente entre Pasteur e Cruz) entre os historiadores da psicologia no Brasil, resta uma operação histórica comparável, passível de ecoar o mesmo brado do título de Cukierman (de resto inspirado na marchinha do compositor Braguinha³): *Yes, nós temos Wundt!*

social de um estatuto a outro (por exemplo, a igreja convertida em museu) (Certeau, 1988, p. 29).

1 O historiador trabalha sobre um material para transformá-lo em história. Efetua então uma manipulação que, como as outras, obedece a regras. Tal manipulação assemelha-se à fabricação efetuada com o minério já refinado. Transformando de início as matérias-primas (uma informação primária) em produtos *standart* (informação secundária), transporta-o de uma região da cultura (as “curiosidades”, os arquivos, as coleções, etc.) a uma outra (a história). Um trabalho “histórico” participa do movimento pelo qual uma sociedade modificou sua relação com a natureza, transformando o “natural” em utilitário (por exemplo, a floresta em exploração) ou em estético (por exemplo, a montanha em paisagem), ou fazendo passar uma instituição

2 A comparação entre Cruz e Pasteur foi realizada por Ezequiel Dias numa espécie de biografia de Pasteur (com alguns tons de hagiografia). Cukierman, no entanto, toma Oswaldo Cruz como um produtor da ciência brasileira, uma ciência nascida nos trópicos e com o intuito de emancipar-nos, ser original e, nas palavras de Cruz, não tornar: “a ser eternamente o que até agora temos sido: repetidores teóricos do que estuda e se escreve no estrangeiro (Relatório do DGSP, 1906, p. 4, apud Cukierman, 2007, p. 36). Esta proposta Cukierman nomeia de *Ciência Desembarcada*, conceito central em seu livro.

3 Braguinha ou Carlos Alberto Ferreira Braga (1907-2006) foi um compositor carnavalesco que produziu a marchinha *Yes nós temos bananas*, como um destaque às riquezas naturais do Brasil a um suposto interlocutor norte-americano.

Em muitos aspectos, no entanto, tais operações de fundação são passíveis de releitura por redescrições históricas, como as que o próprio Cukierman (2003) faz de Oswaldo Cruz: este, mais do que uma mera imitação ou cópia de Pasteur, também seria um grande administrador e um homem capaz de articular diversos interesses políticos. Da mesma forma, temos sucessivos autores que retomam Wundt (como Araújo, 2010). Com a comparação, pretendemos não apenas abrir a possibilidade de novas redescrições (e operações históricas) em torno de Radecki, mas também analisar as recorrentes operações historiográficas no Brasil, centradas na busca do pioneiro, precursor ou personagem fundador⁴. Para tal, avaliaremos a mudança nas modalidades discursivas dos textos considerados históricos pelos historiadores da psicologia, discutindo na conclusão o tipo de operação histórica (ou historiográfica) presente nesta passagem⁵.

4 Um primeiro problema com relação a este personagem pode ser buscado na problematização da figura do precursor. Para Canguilhem (1972, p. 19) a sua admissão faria a história das ciências perder o sentido “visto que a ciência não teria dimensão histórica senão aparente”. Esta perderia a sua possibilidade de introdução de novas racionalidades por meio de rupturas ou cortes epistêmicos. Em uma série de frases lapidares ele aponta para os contrassensos deste conceito. Assim: “Um precursor seria um pensador, um pesquisador que teria feito antes um pedaço do caminho acabado mais recentemente por outro” (op. cit., p. 19). Ou ainda: “O precursor é o homem do saber do qual se sabe somente depois dele que ele correu na frente de todos os seus contemporâneos e na frente daquele que se tem como vencedor da corrida” (op. cit., p. 19).

5 Como o leitor pode imaginar este trabalho passou pelo crivo de pareceristas. No entanto aqui, como em várias outras avaliações, os pareceristas nos fornecem excelentes indicações bibliográficas, mas associadas a questões que não se encaixam nos objetivos do texto. Por sorte as revistas trabalham com um limite de páginas que nos obrigam a ser concisos com as diretrizes de nossos textos. Para nosso caso é importante dizer não trabalharemos com: 1) detalhes biográficos aprofundados sobre a vida, obra e controvérsias de Radecki (somente o suficiente para situar o personagem

A construção da figura de Wundt

Uma poderosa linha na história da psicologia (Boring, 1950/1929) atribuiu a Wundt o posto de fundador ou mesmo de pai da psicologia experimental por ter sido supostamente o primeiro a estabelecer um laboratório formalmente articulado a um espaço de formação de pesquisadores em escala internacional. Este pressuposto pôde se estabilizar na sua repetição distribuída por crivo manuais e textos didáticos, como o de Hillix e Marx (1973): “O próprio Wundt foi um sistematizador escrupuloso e um “pai” da nova psicologia experimental. Instalou o primeiro laboratório formal de psicologia na Universidade de Leipzig em 1879.” (p. 154, grifo nosso).

Boring (1950/1929) mais especificamente constitui esta paternidade junto a um roteiro e uma narrativa específica para a história da psicologia, em que esta marcharia de nobres saberes filosóficos para um conhecimento claramente científico⁶. Nessa marcha de transformação, a figura do laboratório ocuparia um papel de expressiva importância na narrativa. As considerações de Boring sobre Wundt envolvem a monumentalização em torno da figura do laboratório, pondo-o em conexão ao pleito da psicologia enquanto ciência autônoma. Tomando exemplos mais concretos, Boring (1950/1929) afirma que por tal posição institucional “Wundt é o mais antigo psicólogo na história da psicologia. Ele é o primeiro homem que, sem ressalvas, é devidamente

e para explicar as operações históricas na sua constituição); 2) a historiografia da psiquiatria ou das ciências médicas (somente a historiografia da psicologia de acordo com as alterações na modalidade discursiva sobre o personagem).

6 Um modelo distinto pode ser encontrado em Vidal (2010) que reconhece em outros discursos anteriores a Wundt esforços legítimos de definição da psicologia em termos naturalísticos, sem buscar qualquer marco divisor.

chamado de psicólogo. Antes dele havia bastante psicologia, mas não psicólogos.” (op. cit., p. 316)⁷. É com esta afirmação que Boring abre o capítulo sobre Wundt. Mais à frente, tratando diretamente sobre o laboratório na Universidade de Leipzig este historiador afirma que:

Quando Wundt chegou a Leipzig, em 1875, a ele foi oferecido um espaço para suas demonstrações experimentais nas suas aulas. Em 1879, quatro anos após sua chegada, Wundt fundou, como quase todos os psicólogos sabem, o primeiro laboratório oficial de psicologia do mundo (op. cit., pp. 323-324)⁸.

Além do laboratório, Boring pôde vincular outros marcos à figura de Wundt: assim ele teria criado o primeiro veículo científico da psicologia experimental, a revista *Philosophische Studien*, e também teria formado muitos dos nomes que hoje figuram na história da psicologia experimental. Aliás, com relação a esse último ponto, Boring comenta que a primeira geração de psicólogos experimentais dos Estados Unidos foi formada por Wundt em seu laboratório (op. cit., pp. 324-325). Temos aqui, portanto, a proposta de criação de um personagem fundador e pioneiro da psicologia em cenário internacional⁹.

7 No original em inglês: “Wundt is the senior psychologist in the history of psychology. He is the first man who without reservation is properly called a psychologist. Before him there had been psychology enough, but no psychologists.” (Boring 1950/1929, p. 316).

8 No original em inglês: “When Wundt came to Leipzig in 1875 he was given space for experimental demonstrations in connection with his lectures. In 1879, four years after he had come, Wundt founded, as almost every psychologist knows, the very first formal psychological laboratory in the world.” (Boring, 1950/1929, pp. 323-324).

9 Outro exemplo de busca de marcos fundamentais no modelo historiográfico de Boring pode ser encontrado na pesquisa dos primeiros esforços de matematização associados às práticas experimentais em psicologia. De acordo com Rosenzweig (1987), Boring teria estipulado em cartas a data de fundação da psicologia experimental (23/10/1850) como vinculada ao dia em que Gustav Fechner (1801-1887) teria tido um sonho

Este marco de fundação da psicologia atribuído a Wundt é aos poucos construído em cima destes diversos componentes: fundação formal de um laboratório, organização de uma nova forma de fazer psicologia, formação de uma revista, etc. Contudo, é interessante notar como nenhum destes temas é alvo de uma descrição articulada, relacionando os aspectos singulares destes esforços em um projeto. Pelo contrário, os adjetivos “primeiro” ou “fundador” não são acompanhados de um trabalho histórico mais acurado sobre o projeto de psicologia de Wundt, gerando uma operação histórica em que a demarcação de um território para a psicologia experimental (ou moderna) parece ser mais relevante do que qualquer entendimento específico das intenções deste esforço.

A retomada de Wundt

Desde o centenário do laboratório de Leipzig (em 1979) começam a surgir narrativas históricas que buscam detalhar de modo mais preciso os conceitos, as atividades de pesquisa e outros aspectos deste arranjo em que Wundt ponteia como protagonista. De modo mais recente encontramos em Araújo (2010) uma pesquisa minuciosa nos textos de Wundt, que rendeu importantes reflexões acerca do sentido geral de sua obra, de modo a denunciar as diferenças de seus projetos em relação ao que propunham os historiadores da psicologia, como Boring. Seguem algumas das reflexões do autor:

Se Wundt foi, em vida, uma autoridade intelectual muito respeitada e uma referência obrigatória em muitas disputas intelectuais de seu tempo [...] e frequentemente consultado acerca de nomeações para a ocupação de cátedras em diversas universidades

chave para encontrar, com base na lei de Weber, uma fórmula para equacionar sensações e estímulos, a lei de Weber-Fechner.

alemãs, além do fato de seus livros terem sido resenhados e discutidos nos periódicos científicos e filosóficos mais importantes da época, ele praticamente caiu no esquecimento após sua morte em 1920. E muito embora seja hoje amplamente saudado como o fundador da Psicologia Científica, esse sinal de reconhecimento vem geralmente acompanhado de um conhecimento muito superficial de seu pensamento (op. cit., p. 24).

Araújo faz uma crítica direta à linhagem que trabalhamos anteriormente que reconheceu Wundt como o fundador da psicologia científica, tomando-a como associada a um “conhecimento muito superficial de seu pensamento” (Araújo, 2010, p. 24). Este autor ainda nos traz mais problemas para este modelo: ainda que Wundt seja creditado como fundador do primeiro laboratório de psicologia experimental, já existiam outros laboratórios de fisiologia realizando o que poderíamos chamar de investigação de cunho psicológico (op. cit., p. 101).

Para Araújo, Wundt não seria importante pela fundação de uma tradição, de um laboratório ou de um sistema psicológico: a tradição lhe seria anterior, assim como os laboratórios, e seu sistema seria pouco ou muito pouco conhecido. Para este autor, a importância de Wundt residiria na institucionalização do saber psicológico:

Ao investigarmos mais detalhadamente a vida acadêmica de Wundt, sobretudo o período de Leipzig, podemos perceber mais claramente onde reside a verdadeira justificativa para a eleição de Wundt como o fundador da psicologia científica. Não se trata da fundação do laboratório em si, mas daquilo que ele passou a representar a partir de então. Durante todo o último quarto do século XIX, o laboratório de Leipzig atraiu estudantes de várias partes do mundo (Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, entre outros) e tornou-se o primeiro e maior centro de formação de toda uma geração de psicólogos, que posteriormente regressa-

ram a seus locais de origem e fundaram novos laboratórios nos moldes wundtianos (op. cit., p. 101).

O laboratório rendeu um reconhecimento que contribuiu para a institucionalização da psicologia, que começou a figurar de modo mais autônomo nos planos e orçamentos universitários alemães, mesmo que ainda se vinculasse à filosofia em muitos destes espaços. Como já mencionado, Wundt teria ainda produzido um periódico de psicologia que teria sido o divulgador dos trabalhos deste laboratório, reiterando a dimensão de institucionalização da psicologia que Araújo toma como mote principal do trabalho de Wundt.

Finalizando a contribuição de Araújo e também desta primeira parte do artigo, temos seu último balanço sobre as propostas de Wundt, reiterando sua posição anteriormente anunciada:

Os equívocos acerca de Wundt presentes na historiografia tradicional da psicologia só poderão vir a ser definitivamente corrigidos quando os estudos sobre sua obra alcançarem uma maior consistência, permitindo-nos, desta forma, resolver problemas cruciais de interpretação do seu pensamento, como, por exemplo, a questão da relação entre seus textos psicológicos iniciais e seu pensamento maduro. Ainda está por vir uma análise exhaustiva do projeto wundtiano de psicologia (op. cit., p. 103).

Se o interesse de Araújo é claramente denunciar os limites da operação histórica que constituiu Wundt como precursor e pioneiro da psicologia experimental, o nosso diz respeito ao próprio sentido desta operação: qual é o significado da busca dos pioneiros e marcos de um saber supostamente científico? Que função ocupa a fundação dos laboratórios numa narrativa histórica em busca de seus limiares de cientificidade? Mais do que examinar o caso Wundt nosso interesse é trabalhar esta operação histórica em ação quanto a um dos candidatos a ocupar este

posto de pioneiro científico no plano nacional. Examinemos o caso Radecki.

Waclaw Radecki e a História da Psicologia

Os percursos de Radecki no Brasil e os primeiros relatos

Esta seção tem como finalidade apenas dar algumas breves coordenadas do percurso de Radecki, afim de situar o personagem, sem abrir qualquer discussão mais pormenorizada sobre sua produção ou biografia, o que escaparia do limite deste texto. Como referências iniciais de sua carreira acadêmica, podemos dizer que nosso personagem estudou ciências naturais na *Universidade de Genebra*, onde foi assistente de Édouard Claparède (1873-1940) no laboratório de psicologia experimental daquela instituição. Em 1911, obteve o título de doutor com a tese *Recherches expérimentales sur les phénomènes psychoélectriques*. A literatura histórica disponível informa com poucos detalhes sobre esse período da vida de Radecki até a sua chegada ao Brasil. Mas de acordo com Centofanti (2004/1982) e o próprio Radecki (1926,1933), ainda nessa época exerceu atividades como livre docente na *Universidade de Genebra*. A partir de 1912 retorna à Polônia e lá continuou com os seus trabalhos como chefe do laboratório de psicologia da *Clínica Psiquiátrica da Universidade da Cracóvia* e, posteriormente, como professor na *Universidade Livre de Varsóvia*.

Em 1923, por motivos ainda pouco esclarecidos, desembarcou no Brasil e logo buscou um posto onde pudesse continuar com suas pesquisas dentro do campo da psicologia experimental (Centofanti, 2004/1982). Sua chegada deu-se em Curitiba, na região sul do Brasil, onde estabeleceu contato com a comunidade polonesa local, como afirma Schneider (1992, p. 132). Após mudar-se para o Rio de Janeiro,

em 1924, travou contatos com personagens como Gustavo Riedel (1887-1934), que o levaram à *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro*, onde pôde auxiliar na organização e montagem do laboratório desta instituição.

Centofanti (2004/1982) nos conta que Radecki produziu neste período uma boa quantidade de trabalhos, angariando recursos e apoio de outras instituições e colaboradores. Nomes que hoje integram o *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil* (Campos, 2001) foram assistentes de Radecki, como os médicos Nilton Campos (1898-1963), Jayme Grabois (1908-1990)¹⁰ e o filósofo Euryalo Cannabrava (1908-1978). O estudo de Centofanti (2004/1982) nos informa ainda que Radecki teve como colaboradores médicos enviados pelo Exército para realizarem cursos com o psicólogo polonês, como Araul Bretas, Ubirajara da Rocha e Alberto Moore. Além desses, destacamos também a colaboração da professora normalista Lucília Tavares¹¹, referida por Jacó-Vilela, Degani-Carneiro e Messias (2014) como *pioneira*, supostamente por ser a primeira mulher a publicar um livro de psicologia no Brasil.

Todos estes vieram a publicar trabalhos com Radecki sobre diversos assuntos e em diversos espaços, culminando no que seria chamada, posteriormente, de *Escola Radecki*: uma série de trabalhos, cursos e artigos sob a sua coordenação e de colaboração da equipe citada, todos ou sob a égide de seu sistema, o *discriminacionismo afetivo*, ou

10 Nilton Campos e Jayme Grabois foram ambos assistentes de Radecki e dirigiram o Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil, responsável por acolher parte dos aparatos e pessoal que compuseram o laboratório da Colônia. Grabois dirigiu o Instituto de 1937 a 1947, quando seu contrato terminou, Nilton Campos assumiu a direção de 1948 até seu falecimento, em 1963.

11 Não foi possível ter as datas de nascimento e morte dos últimos colaboradores.

com temas afins às pesquisas de Radecki¹². Ainda no Brasil, muitos destes trabalhos foram publicados pela *Imprensa Militar* sob o nome de *Trabalhos de Psychologia*.

No ano de 1932, os esforços de Radecki e seus assistentes culminaram na conversão do laboratório em *Instituto de Psicologia*, fruto da articulação de Radecki com seus aliados e colaboradores. A conversão, prevista no Decreto-Lei n. 21.173 de 19 de março de 1931, se inseria em um contexto de reforma universitária promovida por Francisco Campos, em que a *Faculdade de Educação, Ciências e Letras* seria um dos três pilares da estrutura da *Universidade do Rio de Janeiro* (mais adiante *Universidade do Brasil* e atualmente *Universidade Federal do Rio de Janeiro*). O *Instituto de Psicologia* estaria vinculado à Faculdade e teria a finalidade de ser um centro de pesquisas, um centro de aplicação e uma escola superior de psicologia (Centofanti, 2004/1982, pp. 189-190).

O Instituto, no entanto, é fechado no mesmo ano por motivos que Centofanti (op. cit.) nos conta brevemente¹³, culminando na ida de Radecki para a Argentina e o Uruguai, onde articula a criação de outros dois *Institutos de Psicologia* e falece em 1953. Porém, o final deste breve ciclo de aproximadamente uma década no Brasil, abriu a possibilidade de uma série de relatos de caráter monumental sobre o personagem vindo de seus colaboradores diretos ou indiretos.

12 A *Escola Radecki* só foi assim chamada na edição de 1933 do seu *Tratado de Psychologia*, publicado no Uruguai. Nesta época, Radecki já havia saído do Brasil, passado pela Argentina e se estabelecido no Uruguai, onde continuou suas pesquisas. O livro é um resumo do sistema de Radecki, e os trabalhos são citados como fontes de consulta para os temas abordados em cada uma das seções do *Tratado*.

13 Estes fatores seriam: pressão de setores da Psiquiatria contra a profissionalização da Psicologia no Brasil, pressão de grupos católicos ligados à Psicologia e falta de orçamento, pois se esperava que o Instituto conseguisse manter-se por conta própria financeiramente (Centofanti, 2004/1982, p. 194).

Radecki e a construção do personagem na história da psicologia no Brasil

Antes de apresentar uma análise dos textos históricos, gostaríamos de tomar um texto para comparação: o Necrológio redigido por um dos primeiros assistentes de Radecki, Nilton Campos. Na ocasião da morte de Radecki, em 1953, Campos era o diretor do Instituto de Psicologia da Universidade do Brasil¹⁴, e publicou este texto ressaltando a importância de Radecki como um herói da psicologia científica da época. Não poupando nenhum elogio, este o descreveu como um sujeito de “impressionante honestidade”, tendo “a mais impecável intransigência contra os violadores da dignidade da ciência psicológica”, e um “combatente vigoroso” da desmoralização de testes psicológicos (Campos, 1953, pp. 2-3). Os exemplos de um discurso monumental são fartos no necrológio, mas o mais importante destes reside na passagem a seguir, que condensa o tom de Campos ao tentar imortalizar Radecki como figura central na história da psicologia brasileira e da América Latina:

Ao lamentarmos seu desaparecimento na cidade de Montevidéu, concluindo uma vida penosa de homem da ciência pouco compreendido, cumpre apontá-lo como o instigador da experimentação psicológica em alto nível no campo virgem da América do Sul, fecundando-o com sua tenacidade e ideal de criar núcleos de cultores da psicologia teórica e experimental, transfundindo-lhe esse espírito de dedicação ao trabalho científico e removendo com sua fé inquebrantável todas as montanhas que lhe dificultavam a

14 O *Instituto de Psicologia* foi recriado em 1937 e incorporado à *Universidade do Brasil*, tendo herdado, além de colaboradores, os instrumentos do laboratório da *Colônia de Psicopatas*. Nilton Campos, de acordo com Centofanti, nunca seguiu o sistema de Radecki e tampouco a via experimental, mas dedicou-se à filosofia e, especialmente, à fenomenologia.

obra ingente de implantar a investigação psicológica na América do Sul (op. cit., p. 2).

O que este texto de Campos, de caráter claramente celebratório, pode nos ajudar na introdução dos textos autodenominados ou posteriormente atribuídos como históricos? É claramente reconhecível que o modo discursivo de um necrológio e a posição de seu enunciador (um diretor de instituto) induz a uma adjetivação bem específica do trabalho e do personagem de Radecki. Contudo, o interessante é contrastar este texto com os demais textos históricos, tanto os dos seus contemporâneos quanto os posteriores a 1980. Ainda que possua funções discursivas distintas, veremos claramente que o Necrológio de Campos tem mais parentesco com os textos históricos tardios quanto às adjetivações ao personagem e seu trabalho do que com os textos de seus coabitantes temporais. Tentaremos situar melhor este deslocamento discursivo no tempo.

Apesar dos já destacados planos de Radecki de fundação de uma escola que produzisse e disseminasse os princípios de seu sistema (o *discriminacionismo afetivo*) este não gerou herdeiros ou dispositivos estáveis (Conferir Centofanti, 2003, p. 103). Este movimento é reforçado com o quase silêncio sobre o personagem nos escritos de seus contemporâneos. Isto pode ser atestado em um exame dos textos reconhecidos a posteriori pelos historiadores da psicologia como os primeiros ensaios históricos no Brasil (Antunes, 2004): aqui estes autores pouco ou nada escreveram sobre Radecki e sua trajetória no Brasil. Na verdade, tais trabalhos, por vezes recheados de inconsistências nas informações, relegaram a passagem de Radecki no Brasil a segundo plano em suas narrativas. É notável a ausência de qualquer operação histórica que pudesse mesmo destacar ou dar relevo ao personagem. Examinemos brevemente a história desta historiografia, destacando as mudanças no que

Latour (1998, pp. 40-47) denominou como modalidade dos enunciados científicos, no sentido que sua avaliação como positiva ou negativa, situada ou universalizada, variaria ao longo de seu processo de estabilização ou dissolução.

No texto de Plínio Olinto (2004/1944) não mais do que oito linhas foram escritas para tratar sobre o laboratório da *Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro*, de Radecki e seus assistentes. O leitor que desconhece por completo o trabalho de Radecki e inicia a leitura desse texto, conclui apenas que, desde o início de suas atividades, ele apenas montou e desmontou os equipamentos até formar, em 1932, uma equipe de assistentes. A partir de então, o trabalho da recém-formada equipe esteve voltado para a realização de ensaios sobre aviadores e, em termos de pesquisa, seus esforços tinham por objetivo sua teoria psicológica, denominada *discriminacionismo afetivo* (op. cit., p. 27).¹⁵

Por sua vez, as considerações no texto de Anita Cabral sobre Radecki se limitam a afirmar que ele dirigiu o *Instituto de Psicologia* no período de 1925 a 1932 (2004/1950, p. 64). Já Lourenço Filho (2004/1955), no tópico “A contribuição de trabalhadores da medicina”, comenta que Gustavo Riedel contratou Wacław Radecki, um especialista polonês, para chefia do Laboratório de Psicologia do Hospital de Engenho de Dentro (op. cit., pp. 79-80). Mais adiante, quando escreve sobre a contribuição de especialistas estrangeiros, reconhece o papel de Radecki na formação de um grupo de pesquisadores “de excepcional valor”, apesar de ter insistido em seu sistema de *discriminacionismo afetivo* (op. cit., p. 93).

15 Um dos revisores do texto ressaltava que fossem destacadas as polêmicas de Radecki com os médicos e psiquiatras como Plínio Olinto. Entendemos que isto nos conduziria muito além do objetivo do texto que é destacar as mudanças de modalidade nos diferentes discursos que buscam historicizar o personagem.

Os textos acima comentados foram escritos por autores que também se colocaram como testemunhos dos modos de organização da psicologia no Brasil ainda nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, acrescentam em seus ensaios percepções particulares acerca desse processo vivenciado, seja ao incluir a eles próprios, seja ao avaliar a trajetória de outros personagens. Por exemplo, Lourenço Filho julga o nível de influência dos diferentes colaboradores para a psicologia no Brasil: enquanto que a influência do italiano Ugo Pizzoli (1863-1934) teria sido “apenas sensível”, “já o mesmo não ocorreu com o polonês Wacław Radecki”. Entretanto, a atuação de Henri Piéron sobre a Psicologia no Brasil, por meio de seus cursos ministrados, teria sido “mais intensa e profunda” se comparada à de Radecki (op. cit., p. 93).

Já Plínio Olinto finaliza seu comentário sobre o trabalho de Radecki no laboratório ao concluir que “Assim sendo, nesse laboratório Plínio Olinto não quis penetrar.” (2004/1944, p. 27). Aqui, não ficam esclarecidos os motivos para o seu não envolvimento com as atividades no laboratório, isto é, se era o trabalho com aviadores ou se era o *discriminacionismo afetivo* que não o atraiu.

Somados a esses textos, podemos incluir também os ensaios de Pessotti (2004/1975) e Netto (2004/1981) que, igualmente objetivando abordar de forma mais ampla um processo histórico da psicologia no Brasil, acabam por tecer poucos e breves comentários sobre a atuação de Radecki. Enquanto o primeiro informa que Radecki foi o primeiro diretor do laboratório da colônia e que realizou estudos psicométricos com aviadores (Pessotti, 2004/1975, p. 124), o segundo coloca que Radecki chefiou o laboratório de 1923 a 1932, além de ter criado uma psicologia “um tanto abstrusa”, se referindo ao *discriminacionismo afetivo* (Netto, 2004/1981, p. 155).

É na pesquisa de Centofanti (2004/1982) que verificamos uma interessante mudança nas modalidades discursivas sobre Radecki, aproximando-se dos enunciados do Necrológio de Campos (1953). Neste trabalho o polonês é descrito como “o maior conhecedor que a psicologia no Brasil teve a oportunidade de acolher” (2004/1982, p. 203). É possível afirmar, com certa segurança, que esse estudo reconstruiu e reposicionou o personagem na história da psicologia no Brasil, uma vez que Radecki é posto em relevo e sua contribuição trabalhada em densidade, ao contrário dos estudos anteriores mencionados, marcados por menções breves e menores ao personagem. Em decorrência disto, pesquisas posteriores passaram a considerar Radecki como um personagem que contribuiu para a história da psicologia no Brasil, seja no processo de autonomização (Antunes, 2012) e institucionalização da psicologia (Massimi, 2010), ou ao classificar o *Tratado de Psicologia* de Radecki como um texto “clássico” da Psicologia brasileira (Antunes, 2004). Nessa mudança de tonalidade nas narrativas da história é curioso notar como um determinado tipo de psicologia outrora considerado “abstruso” pelos historiadores contemporâneos a Radecki, passa a adquirir o status de “clássico” da psicologia brasileira.

Além dos textos que representam os primeiros ensaios históricos já mencionados, poderíamos citar também o texto de Antônio Gomes Penna (1917-2010) que procura avaliar o legado a partir da perda representada por sua partida: “De tudo quanto se conseguiu apurar, resta a convicção da extraordinária fecundidade do Prof. Radecki cuja saída do país rumo à Argentina em 1932 acabou sendo o maior golpe sofrido pelo desenvolvimento dos estudos psicológicos no Brasil.” (Penna, 1992, p. 54, grifo nosso). Eliezer Schneider (1916-1998), contemporâneo de Penna e também professor assistente do Instituto de Psicologia (que sucedeu o antigo laboratório) indica que esta passagem da história tem sua importância pois mostra que “(...) a origem

do Instituto de Psicologia se situa na área médica, e *teve um psicólogo de formação acadêmica correta*, no melhor estilo europeu, *criando uma tradição*” (Schneider, 1992, p. 132, grifo nosso). Tal concepção de “tradição” foi ainda reforçada recentemente por Jacó-Villela (2000, pp. 46-47), que pôde sugerir uma linhagem “hipotética” saindo de Wacław Radecki até os psicólogos de destaque no cenário da psicologia no Rio de Janeiro, como Nilton Campos, Antônio Gomes Penna e o próprio Eliezer Schneider.

Uma exceção dentre os textos recentes pode ser encontrada em um breve artigo de Centofanti (2003) denominado *O Discriminacionismo Afetivo de Radecki*, onde é efetivamente buscado o sentido do projeto de Radecki. Aqui nos é relatado que muitos dos trabalhos dos colaboradores de Radecki aliavam-se ao *discriminacionismo afetivo* sem entrar em minúcias sobre este sistema. Centofanti inclusive chegou a entrevistar um dos assistentes de Radecki, Jayme Grabois, e relata que este “nunca se mostrou muito à vontade quando perguntado sobre o *discriminacionismo afetivo*, limitando-se a afirmar que não aceitava o sistema desde que ingressou no laboratório” (op. cit., p. 99).

Por fim, após uma análise das publicações de Radecki na Argentina e no Uruguai, Centofanti sentencia que o *discriminacionismo afetivo* tornou-se um mito por diversos motivos: por obscuridade e falta de uma formulação mais direta por parte de Radecki, obrigando-nos a deduzir seus postulados a partir de seus escritos espalhados em anais, resumos e trabalhos de seus colaboradores. E ainda complementa:

Se é verdade que as teorias não são verdadeiras e nem falsas, mas férteis ou estéreis, o *discriminacionismo afetivo* mostrou-se estéril, não sendo capaz nem mesmo de convencer aos assistentes de Radecki, ficando no esquecimento. Seus principais assistentes escolhe-

ram outros caminhos: Nilton Campos o da fenomenologia e Jayme Grabois o da psicanálise (op. cit., p. 103).

Ainda que o texto de Centofanti não chegue a uma definição última do que seria o *discriminacionismo afetivo*, este aponta para um esforço de retomar criticamente o projeto de Radecki, escapando da oscilação entre a monumentalização e o desdém em relação a seu trabalho. Por fim, resta entender o sentido desta passagem de coadjuvante a pioneiro nas narrativas após 1980 e as respectivas operações históricas envolvidas.

Yes, nós temos Wundt!

Com esta breve história das histórias tecidas em torno do personagem Radecki, podemos retornar a nossa reflexão inicialmente proposta. Vimos que Wundt detém toda uma glorificação como fundador da psicologia experimental na tradição perpetuada por Boring, de modo que a ele é concedido o papel de marco divisor entre uma história filosófica e científica dentro de uma narrativa heroica, revolucionária e assimétrica entre passado e futuro (Latour, 1994, capítulo 3). Porém, tal narrativa pode ser contrastada com outras linhagens e efeitos sequentes ao personagem Wundt: há uma clara assimetria entre o reconhecimento formal de seu laboratório e a herança estéril de seu projeto científico, assim como um enorme desconhecimento histórico de suas questões (conforme destacado por Araújo, 2010).

Uma função histórica semelhante (ainda que sem o peso adquirido nas sucessivas narrativas históricas de Wundt) pôde ser traçada em alguns discursos em torno de Radecki após a década de 1980. Aqui temos a figura chave do laboratório e de sua corajosa atuação na produção de uma psicologia legitimamente científica. Porém, como nas narrativas em torno de Wundt, há uma assimetria entre o

reconhecimento histórico e seus legados: *o discriminacionismo afetivo* de Radecki não só não circulou muito além do subtítulo dos textos dos discípulos mais próximos, assim como sofreu recusa de alguns contemporâneos (como Olinto, 2004/1944) além de ter sido relegado quase que totalmente ao desconhecimento histórico (Centofanti, 2003). De igual modo, as peças de seu laboratório sucumbiram ao encaixotamento sequente ao fechamento primeiro de seu *Instituto de Psicologia* (Ferreira, 2011).

Analisando as operações históricas, os pontos de analogia nas narrativas sobre os dois personagens são notáveis, e podemos passar brevemente por alguns destes: ambos seriam reconhecidos como paladinos de um modo de produção de evidências eminentemente experimental e radicado em laboratórios; ambos teriam constituído seus próprios centros de investigação e teriam conduzido suas pesquisas com um meticuloso programa (o de Wundt detalhado na obra de Araújo, 2010). Ainda que de formas distintas, ambos laboratórios puderam ser reconhecidos como institutos. Este reconhecimento, no caso de Radecki, perpassou à historiografia estrangeira sobre a psicologia no Brasil: assim para Shiraev (2015, p. 327), este fundou o primeiro laboratório de psicologia experimental no Brasil e seu trabalho funcionou como uma centelha para o desenvolvimento da pesquisa psicológica no país. Uma última semelhança reúne estes personagens com relação a função monumental de marco histórico: enquanto Boring (1950/1929, p. 316), como vimos, afirmava que Wundt foi o primeiro psicólogo do mundo, no Brasil Radecki já pôde ser apontado como o primeiro psicólogo clínico da América Latina (Stubbe, 1988, p. 113).

Contudo, mais do que aproximações e repetições históricas que possam soar como farsa, gostaríamos de destacar a semelhança na fabricação histórica operada pelos historiadores de

distintos grupos. Aqui a busca pelo primeiro laboratório seria a busca pelo marco assimétrico que introduziria uma fenda no tempo: entre um passado especulativo e de esforços incertos e um presente ungido pelo labor científico que legitimaria as diferentes manifestações dos saberes e práticas psi. Mesmo que ao preço de se introduzir um personagem histórico (Wundt ou Radecki) tão notável quanto desconhecido (onde talvez sua monumentalização venha associada a uma certa esoterização do personagem). E principalmente estéril na transmissão de seu projeto.

Sem o reconhecimento crítico desta operação histórica poderíamos bradar na conclusão deste trabalho: “Yes, nós temos Wundt!”, satisfeitos ao encontrar, em nossa história da psicologia brasileira, um grande nome que se assemelharia a um outro ainda mais enaltecido na história geral da psicologia. Fazendo isso, incorreríamos no exato problema que, há cem anos, Ezequiel Dias incorreu ao “pasteurizar” Oswaldo Cruz. Glorificaríamos, assim, Radecki como o Wundt brasileiro e imortalizaríamos sua figura como um pioneiro temperado em terras tropicais. Contudo, mais que estas analogias, interessamos ressaltar a operação histórica na produção de grandes homens e marcos, canonizando-os como pioneiros ou fundadores, pelo recurso a seus trabalhos em laboratórios. Mesmo que isto não tenha produzido nenhuma herança consistente para nosso presente, a não ser o de se constituírem como monumentos opacos (estéreis e esotéricos) de um presente consagrado por uma ciência reconhecida e estabelecida.

Considerações finais

Stengers (2002) faz uma interessante oposição entre o humor e a ironia na análise de certas operações históricas. A ironia tem por função a problematização de um determinado tipo de discurso em nome de uma verdade mais

legítima, tal como operaria Sócrates em seu recurso a este modo argumentativo. Muito diferente para a filósofa belga seria o humor: aqui o riso não nos conduziria a qualquer revelação ou denúncia de qualquer ilusão ou mito, como operariam os herdeiros de Sócrates. Muito mais valeria o riso quanto às ambições de certos discursos, na maneira como tentam tornar nosso presente necessário e drenar todo um campo de possíveis em nossa atualidade. Operação semelhante podemos encontrar na proposta de uma *ontologia histórica de nosso presente*, como encaminhada por Foucault (1996, pp. 142-143):

Meu papel - e esta é uma palavra demasiado enfática - consiste em ensinar às pessoas que são mais livres do que sentem, que se aceita como verdade, como evidência alguns temas que têm sido construídos durante um certo momento na história, e que esta pretensa evidência pode ser criticada e destruída.

Ou ainda de modo mais incisivo: “Sem dúvida o objetivo principal hoje não é descobrir, mas recusar o que somos” (Foucault, 1995, p. 239). Aqui temos uma operação histórica muito distinta da fabricação de precursores, pioneiros ou marcos que glorifiquem e caucionem nosso presente: o jogo aqui proposto é justamente tomar a história pela sua fabricação de contingências apontando para a raridade dos dispositivos em que nos constituímos na nossa atualidade e que há um gigantesco jogo de versões em que poderíamos nos constituir.

Neste aspecto (e principalmente graças a nossos pareceristas), vale uma comparação entre as operações historiográficas realizadas na história da psicologia e na história de certos saberes, como a psiquiatria. Como Venâncio e Cassilia (2010), Wadi (2014) e Huertas (2001)

destacam, a operação histórica em torno da figura do pioneiro é marca apenas das primeiras historiografias do campo, cedendo posteriormente a abordagens mais críticas e problematizadoras. Esta historiografia triunfante teria o fim de “memorizar o seu fazer, conduzindo à celebração da medicina vigente, ao formar um esquema teleológico fundamentado na crença da evolução das ciências médicas” (Venâncio & Cassilia, 2010, p. 26). Contudo, na história da psicologia no Brasil ainda é consistente o recurso a tal figura como operador histórico, especialmente quando associado a outro marcador: o laboratório, enquanto demarcador entre um passado filosófico e livresco em relação a um presente pleno de cientificidade. Tal operação problematizada por Edler (1996) no campo da medicina persevera na psicologia na busca por heróis nacionais, colocando-a nos trilhos de uma rota histórica universalizante (Castro & Lafuente, 2007, p. 111). Podemos nos perguntar se, neste aspecto, esta operação não buscaria apagar as pistas locais de importação e implementação da psicologia em países ainda considerados periféricos na produção deste saber, reproduzindo uma operação histórica universal e supostamente necessária.

Por fim, indicamos que o personagem central de nosso estudo, Wacław Radecki, ainda tem muito a ser explorado ou virtualizado em termos de outros jogos históricos. Assim como Centofanti (2003), acreditamos que ele tenha talvez - talvez! - um projeto de psicologia singular a ser elucidado. Não necessariamente último, mas ainda assim a ser posto em discussão. De toda forma devemos tomar este personagem como uma obra histórica aberta e que mereceria nossa atenção quanto às questões e temas levantados. Mas destacaremos que ser um Wundt

(ou um pioneiro) não é necessariamente a sua sina. Ainda há muito que se produzir sobre ele, e que não devemos limitá-lo a uma historiografia canonizante. Deixamos, então, em aberto o caminho para narrativas posteriores, tomando

o cuidado de não produzir, mais uma vez, um monumento opaco do passado apto apenas a legitimar a psicologia no seu presente, mas um campo possível para estabelecer novas versões e novos modos de constituir este saber.

Referências

- Antunes, M.A.M. (2012). *A psicologia no Brasil: Leitura histórica sobre sua constituição*. São Paulo: Educ.
- Antunes, M.A.M. (2004). *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ.
- Araújo, S.F. (2010). *O projeto de uma psicologia científica em Wilhelm Wundt: Uma nova interpretação*. Juiz de Fora: Editora UFJF.
- Boring, E. G. (1950/1929). *A history of experimental psychology*. New York: Appleton-Century-Crofts.
- Cabral, A. C. M. (2004/1950). A psicologia no Brasil. In M. A. M. Antunes (Org.), *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios* (pp. 33-70). Rio de Janeiro: EdUERJ; Conselho Federal de Psicologia.
- Campos, N. (1953). Necrológio Waclaw Radecki (1887-1953). *Boletim do Instituto de Psicologia*, 3 (3), 1-3.
- Campos, R.H.F. (Org.) (2001). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil: Pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago.
- Canguilhem, G. (1972). O objeto da história das ciências. *Tempo Brasileiro*, 28 A, 7-21.
- Castro, J., & La Fuente, E. (2007). Westernization in the mirror: On the cultural reception of western psychology. *Integrative Psychological and Behavioral Science*, 41(1), 106-113.
- Centofanti, R. (2004/1982). Radecki e a Psicologia no Brasil. In M.A.M. Antunes (Ed.), *História da Psicologia no Brasil: Primeiros Ensaios* (pp. 177-208). Rio de Janeiro: Eduerj.
- Centofanti, R. (2003). O discriminacionismo afetivo de Radecki. *Memorandum*, 5, 94-104.
- Certeau, M. (1988). A operação histórica. In J. Le Goff, & P. Nora (Ed.), *História: Novos problemas* (pp. 17-48). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Cukierman, H. (2010). *Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a história da ciência no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

- Edler, F. C. (1996). O debate em torno da medicina experimental no segundo reinado. *História, Ciências, Saúde - manguinhos*, 3(2), 284-299.
- Ferreira, A. (2011). Instituto de Psicologia - UFRJ. In A. Jacó-Vilela (Org.), *Dicionário histórico de instituições de psicologia no Brasil* (pp. 317-319). Rio de Janeiro: Imago.
- Foucault, M. (1995). O Sujeito e o Poder. In H. Dreyfuss & P. Rabinow (Orgs.), *Michel Foucault na trajetória filosófica* (pp. 231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária,
- Foucault, M. (1996). Verdad, individuo y poder. In M. Morey (Org.), *Tecnologías del Yo*. (pp. 141-151). Barcelona: Paidós/ICE - UAB.
- Hillix, W., & Marx, M. (1973). *Sistemas e teorias em psicologia*. São Paulo: Cultrix.
- Huertas, R. (2001). História de la psiquiatria, ¿por qué? ¿para qué? tradiciones historiográficas y nuevas tendencias. *Frenia*, 1(1), 9-36.
- Jacó-Vilela, A. M. (2000). Psicólogos estrangeiros no Brasil. *Cadernos IPUB*, 6(18), 7-52.
- Jacó-Vilela, A.M., Degani-Carneiro, F., & Messias, M.C.N. (2015). *Lucilia Tavares: Psicóloga*. Retirado de http://www.cnpq.br/web/guest/pioneiras-view/-/journal_content/56_INSTAN-CE_a6MO/10157/2525155.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. São Paulo: Editora 34.
- Latour, B. (1998). *Ciência em ação*. São Paulo: Editora UNESP.
- Lourenço Filho, M.B. (2004/1955). A psicologia no Brasil. In M.A.M. Antunes (Org.), *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios* (pp. 71-108). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia.
- Massimi, M. (2010). O processo de institucionalização do saber psicológico no Brasil do século XIX. In A. M. Jacó-Vilela, A. A. L. Ferreira, & F. T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (pp. 159-168). Rio de Janeiro: Nau.

- Netto, S. P. (2004/1981). *História da psicologia no Brasil*. In M. A. M. Antunes (Org.), *Primeiros ensaios* (pp. 139-175). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia.
- Olinto, P. (2004/1944). A psicologia experimental no Brasil. In M. A. M. Antunes (Org.), *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios* (pp. 25-31). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia.
- Penna, A.G. (1992). Sobre a produção científica do Laboratório de Psicopatas da Colônia do Engenho de Dentro. In A.G. Penna (Ed.), *História da psicologia no Rio de Janeiro* (pp. 31-54). Rio de Janeiro: Imago.
- Pessotti, I. (2004/1975). Dados para uma história da psicologia no Brasil. In M. A. M. Antunes (Org.), *História da psicologia no Brasil: Primeiros ensaios* (pp. 121-137). Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia.
- Radecki, W. (1926). *Introdução a psychotherapia*. Rio de Janeiro: DOBICI & Cia.
- Radecki, W. (1933). *Tratado de Psicologia*. Buenos Aires: Jacobo Peuser.

- Rosenzweig, S. (1987). The final tribute of E. G. Boring to G. Fechner. *American Psychologist*, 42(8), pp. 787-789.
- Schneider, E. (1992). Eliezer Schneider. In: M.L. Fávero (Ed.), *Faculdade Nacional de Filosofia: Depoimentos* (pp. 131-159). Rio de Janeiro: Serviço Industrial Gráfico-UFRJ.
- Shiraeve, E. (2015). *A history of psychology: A global perspective*. Los Angeles: Sage.
- Stengers, I. (2002). *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34.
- Stubbe, H. (1988). História da psicologia no Brasil. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 40 (1), 113-117.
- Venancio, A.T.A., & Cassilia, J.A.P. (2010). A doença mental como tema: Uma análise dos estudos no Brasil. *Espaço Plural*, 22, 24-34.
- Vidal, F. (2010). “A mais útil de todas as ciências”: Configurações da psicologia desde o Renascimento tardio até o fim do Iluminismo. In A.A.L. Ferreira, A.M. Jacó-Vilela, & F.T. Portugal (Orgs.), *História da psicologia: Rumos e percursos* (pp. 55-81). Rio de Janeiro: Nau.
- Wadi, Y.M. (2014). Olhares sobre a loucura e a psiquiatria: Um balanço da produção na área de história (Brasil, 1980-2011). *História Unisinos*, 18(1), 114-135.